

O Museu como dispositivo pedagógico para a construção de convivências

Lucía González D.

Diretora Museo Casa de la Memória – Medellín, Colômbia

Muito me alegra a valiosa oportunidade de compartilhar este cenário com aqueles que, na Pinacoteca de São Paulo, vêm desenvolvendo reflexões muito importantes sobre a tarefa do museu, muito especialmente com aqueles como vocês, que assumiram a tarefa de educar, e educar para a convivência.

O desafio da humanidade é a convivência.

Lembro, de maneira muito especial, a 27ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2007, cujo tema central foi a pergunta “Como viver juntos?”, inspirada nos seminários de Roland Barthes no Collège de France em 1976-1977.

A tese da curadora Lisette Lagnado, “Como Viver Juntos”, foi justamente a problematização da possibilidade de construir relações interpessoais dentro de grupos sociais claramente heterogêneos, tornando evidentes as imensas dificuldades sociais, culturais, econômicas e políticas derivadas de um mundo cada vez mais urbanizado, mais desigual e, também, mais xenófobo. Xenofobia que cresce como resultado da desigualdade cada vez maior, por causa da disputa pelas oportunidades e, também, por causa da prevalência de determinadas crenças.

Isso implica utilizar a arte como ferramenta crítica da cultura. Tarefa que, acredito firmemente, compete à arte, à verdadeira arte. Foi assim através da história. E compete à arte com maior razão ainda neste mundo contemporâneo, o qual tem entendido que a beleza não é o fim da arte, que as estéticas foram se expandindo,

e que está claro o fim da História, com H maiúsculo. Ou seja, agora os cânones herdados e as histórias oficiais foram destituídos do seu pedestal, o sólido se desvanece no ar e não nos resta certeza alguma. Todas as perguntas estão abertas, entre elas – de maneira especial – a que se faz sobre a nossa própria existência, a possibilidade de conviver de maneira harmônica e, também, a possibilidade de sobreviver.

A arte, a verdadeira arte (e não apenas as expressões plásticas) está relacionada a uma pergunta essencial pela vida e, muitas vezes, ao desamparo, à desolação da existência e à angústia humana, que é a sua finitude. Já dizia Homero na *Odisseia*: “os deuses lavram infortúnios para que às gerações humanas não falte o que cantar”.

Tudo isto só para dizer que a arte sempre (e hoje mais do que nunca) foi o meio por excelência para moldar a humanidade que somos e tudo o que nos diz respeito. Não advogo pelo existencialismo, e sim pela carga de profundidade que há sempre em uma verdadeira obra de arte. Ela aponta o que as ciências não veem. Comunica o que outros não podem nomear. Converte em metáfora universal o que nos identifica como seres deste planeta, o que temos em comum. É daí, dessa força, que emana a potência da arte. E é por isso que nós, homens e mulheres das mais diversas origens, culturas e idades, podemos nos comover com uma *Antígona* de Sófocles, um *Messias* de Handel, uma *Guernica* de Picasso ou um *Ulisses* de James Joyce. Ou com as ancestrais e eternas danças circulares. Porque aí está a arte para nos dizer, para nos fazer sentir, para entrar em comunhão com as comunidades de homens e mulheres que somos.

No museu em que trabalho hoje, um museu de memória sobre o holocausto que a Colômbia viveu e vive, isto que trato de explicar fica muito patente. Certamente, muitos de vocês conheceram um museu de memória. O que está ali não existe só para nos contar algo horrível que aconteceu em um momento da história, em um país, mas também para nos advertir do que é capaz o ser humano, como diz Primo Levi, escritor italiano de origem judia, sobrevivente do Holocausto.

Nesse caso, o papel da arte é não esquecer certos acontecimentos que ultrapassaram a fronteira do humano. Mas, ao mesmo tempo, trata-se da celebração de um triunfo, de tornar manejável o horror para que possamos olhar para ele e, assim, abrir um espaço à existência. São muitos os exemplos das obras de arte que nos têm permitido conhecer o horror e a beleza ao mesmo tempo. Goya, por meio de sua magnífica obra pictórica, nos advertiu sobre os monstros produzidos pela razão. Steven Spielberg soube levar ao cinema, da forma mais profunda e respeitosa, esse horror que foi o holocausto judeu, nesse maravilhoso filme que é *A lista de Schindler*.

Diz o filósofo italiano Gianni Vattimo: “Não há arte sem violência; se uma obra de arte não tiver um pouco de violência, diz pouco”. Mas o filósofo alemão Gadamer, seu mestre, já havia falado da arte como uma promessa de ordem no meio da ruína que ameaça dissolver tudo, ficando a arte como esperança. Acredito que são as duas coisas juntas: tragédia e utopia.

Então... o que dizer da tarefa de um Museu, já que esse é o lugar por excelência das expressões da arte e da cultura?

Obviamente, não estou me referindo ao museu contemporâneo. Não àquele que contém expressões contemporâneas de uma cultura, e sim o que assumiu as provocações da contemporaneidade e então, mais do que pretender instalar uma noção da vida, abre-se e indaga, interpela. No qual nada é verdade, só uma proposta. “Uma pergunta aberta ao peito humano”, como dizia Gadamer a respeito do que deveria ser toda obra de arte.

Assim, o museu contemporâneo é um dispositivo para conhecermos a nós mesmos, aos outros, às outras coisas. O lugar no qual as culturas se questionam, onde oferecem ao espectador uma gama infinita de perguntas – questões que não pretende resolver, porque toda obra de arte ou ativação artística, ou produção cultural, deve estar aberta para ir ao coração, à razão e à experiência de vida de

cada um e, nessa confrontação íntima, enriquecer o repertório de respostas de quem a experimenta.

Acredito que é disso que se trata.

Mas, então, o desafio é imenso para quem faz a curadoria de uma exposição. É uma interação. Porque de seu aprofundamento (mas, também, de sua generosidade) dependerá a riqueza da experiência daqueles que a enfrentam. Em outras palavras, não se trata mais de enfileirar alguns quadros, alguns vídeos ou *performances*, e sim, de propor uma teia de oportunidades de leitura que possam comover ao outro, isto é, tirá-lo de seu lugar, de suas certezas, abrindo-lhe o mundo; criar uma instabilidade para que haja movimento, ou seja, para que a experiência no espaço museal seja transformadora.

É por isso que a missão formativa é inerente ao museu. Mas tem de ser de um modo subversivo, no sentido de que não é para mostrar, e sim para aprender a ler o que existe sob o verso, sob o texto, aquilo que na vida aparece-nos como textual ou como verdade.

Ainda temos o velho costume de pensar o museu como um lugar no qual se aprende a partir da arte ou das expressões de cultura, de tal ou qual artista, desta ou de outra escola, da arte deste ou de outro país. Essa é só uma das múltiplas leituras que o museu pode oferecer e, possivelmente, a menos relevante para estes tempos. É interessante conhecer a vida de Van Gogh ou de León Ferrari ou Leonilson e as técnicas que eles utilizaram. Mas é muito mais valioso tentar abrir a obra, assim como abrir a palavra em um livro para encontrar seu sentido profundo. O importante é de que forma, a partir do que o museu nos oferece, podemos aprender a ler o que há em nossa própria vida, na existência compartilhada, na convivência neste planeta. E, de maneira muito especial, aprender a ler a riqueza que há na diferença: essência da convivência.

Poucos meios de expressão podem se igualar à arte na capacidade de revelar o valor daquilo que é mais diverso; fazer de uma ópera e de um canto tribal expressões de igual valor para a cultura e para a vida; fazer de uma tela de Picasso e de uma peça feita em tear por comunidades ancestrais obras de arte de igual magnitude. É graças às expressões da arte que hoje podemos nos sentir integrados em um planeta compartilhado.

Proponho então três hipóteses:

- A educação é um ato político porque constrói comunhão de sentido. Isto é, constrói noções que são comuns, para que possamos viver em comunidade.
- A educação não é uma função exclusiva da escola, que hoje não é o espaço mais relevante para a construção de sentidos.
- A educação atravessa as diferentes expressões culturais por meio das quais as comunidades constroem seus símbolos, linguagens, identidades e interações.

É assim que o museu, como lugar de educação, como fato essencialmente pedagógico, é chamado a construir sujeitos capazes de se reconhecer, de reconhecer o outro, de viver em comunidade, de desenvolver a capacidade de se abrir ao mundo, de interpelar seus próprios valores culturais acumulados, para confrontá-los, para enriquecê-los, para desprezá-los também. A experiência museal, conforme já dissemos, tem que ser mobilizadora.

A experiência que hoje vivo reforça a convicção que carreguei durante vários anos: um museu pode chegar a ser um dos dispositivos pedagógicos mais vitais em uma comunidade.

Minha primeira lembrança de algo parecido com um museu foi a primeira Bienal de Arte realizada em Medellín. Uma grande Bienal. Eu tinha 9 anos e, por sorte, meu lar era próximo da arte. Tinha visto gravuras e livros dos impressionistas, de Van Gogh, de Picasso – são os que mais lembro dessa época. Mas na Bienal enfrentei um mundo completamente desconhecido para mim, que não só me abriu os sentidos mas, também, a mente. Notei que algo estava acontecendo no mundo e eu não

tinha percebido antes. E agora, não queria perder essa maravilha. Vi vultos de feno, máquinas cinéticas, painéis com jogos óticos, penetráveis de plástico... como obras de arte. A percepção do mundo mudou minha pessoa muito mais que os anos passados na escola e os que ainda teria de passar por lá. Hoje, fico triste ao constatar que a aproximação às experiências de arte na educação continua sendo um luxo para poucos. Sinto que a maioria está perdendo um mundo que só é narrado lá, onde se desenvolve uma capacidade que tem a ver com a sensibilidade frente ao que não é só belo, mas, também, bom. E isso apesar dos enormes esforços dos museus, das bibliotecas e dos teatros, em tantas partes do mundo, para aproximar o público a esse tesouro.

A outra experiência que me convenceu do que pode chegar a ser um museu foi minha passagem pelo Museu de Antioquia. O museu da cidade. Um museu tradicional, que pretende, de alguma forma, ilustrar a história da arte na Colômbia e, particularmente, em Antioquia. Como a maioria dos museus no mundo, esse é um instrumento que ratifica a cultura hegemônica e, obviamente, reedita a história oficial. Disso são testemunhas os dois grandes ausentes na cultura colombiana: nem os indígenas nem os negros fazem parte do relato oficial da nação.

Os indígenas estavam representados em uma sala de culturas pré-hispânicas, isto é, como comunidade do passado. Ao desmontar essa sala para fazer dela uma que desse espaço a 63 línguas e outras tantas comunidades indígenas de nossa pátria, o resultado foi o de ter uma sala falando do barro, do barro com o qual é feita a cerâmica.

A outra grande ausência é a da arte ou das expressões culturais de nossas comunidades negras. Antioquia tem a segunda maior população de comunidades negras na Colômbia, e até hoje não construímos uma noção de sua estética que supere o que chamamos de artesanato ou folclore. Hoje, o Museu de Antioquia formula, em suas exposições temporárias, perguntas a essas faltas e à história oficial. Qual foi a presença dos afro-colombianos em nossa história? De qual independência falamos quando celebramos nossa independência da Espanha?

Como está representada a mulher na arte colombiana? Essas já são contribuições críticas relevantes e fazem do Museu um elemento que questiona a construção de dogmas, crenças e valores em nossa cultura.

Cito outros exemplos do que pode vir a ser o papel de um museu na construção de uma sociedade que pensa e propõe, a partir de sua cultura, crescer em humanidade e democracia:

Primeiro: a grande exposição “Desterro e Reparação”. Uma exposição com oito grandes salas e 64 eventos culturais e acadêmicos que evidenciaram a tragédia que a sociedade já havia banalizado, a de um país com mais de 5 milhões de deslocados de seus lares, naquela ocasião. Tratava-se de comover, de fazer sentir o que esse fato dramático dizia de toda a sociedade.

Segundo: a refundação do formato Bienais de Arte, ausente por mais de 20 anos na cidade. Renomeado como MDE07, seu propósito foi ligar Medellín às grandes perguntas que o mundo se fazia por meio da arte contemporânea, principalmente buscando dar resposta a duas condições humanas que convivem na sociedade e, particularmente, em nossa cidade: “Hospitalidade/Hostilidade”. Por qual razão uma cultura famosa por sua amabilidade e generosidade chegou a ser a mais violenta do mundo?

E como terceiro e último exemplo: a proposta de “Museus Comunitários”. Não com a ideia de replicar o museu nos territórios, e sim com a ideia de fazer do território um espaço de reflexão e significação que contribuísse para a valorização daquilo que lhe é próprio, para o reconhecimento da história de suas comunidades, para a identificação de valores e crenças, de marcos e desafios; museus feitos não para a comunidade e sim, com a comunidade.

Finalmente, de minha experiência no Museo Casa de la Memória, onde essa noção de museu que amo abre-se com todas as suas possibilidades, tenta-se construir um espaço de reflexão relevante em relação à guerra que sofremos na Colômbia

durante os últimos 56 anos, deixando mais de 6 milhões de vítimas – somente em Medellín, mais de 600 mil. O objetivo é perguntar pelas causas que nos levaram a essa guerra e que, por sua vez, impediram-nos de sair, no sentido de construir uma proposta de uma sociedade capaz de conviver de maneira harmônica. Entenda-se que este é o único ou um dos únicos museus de memória que nasce no meio do conflito, isto é, que se propõe não só a refletir sobre o passado mas, também, a construir razões para sair do conflito armado político e social.

É assim que o Museo Casa de la Memória propõe-se a lançar a aposta política de implementar uma pedagogia da memória a partir de uma concepção crítica, reflexiva. Nas palavras de Paulo Freire, uma *Pedagogia da Esperança*:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial ... é que ela [a esperança], enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática ... Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se torce e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a necessidade de educar a esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero. (1992, p.10-11)

“A Pedagogia da Memória”, do Museo Casa de la Memória, orienta-se para o desenvolvimento de diferentes estratégias que possibilitem a compreensão e apropriação das causas estruturais, as dinâmicas e os danos derivados do conflito armado sociopolítico. Falamos de compreensão enquanto procuramos despertar a consciência individual e coletiva e assumir, de maneira ética e política, a própria

saída para o conflito, independentemente do lugar ou papel que cada um ocupe na sociedade.

A pedagogia da memória procura motivar os diálogos de saberes, suscitar a discussão, o debate e a argumentação, ainda que em meio à diferença, diante daquilo que temos vivido em sociedade, com a perspectiva de futuro, de construção de formas democráticas para resolver a diferença. A pedagogia da memória aposta em construir o tecido social do reconhecimento do outro. Da identificação das corresponsabilidades na sustentação dos ciclos de violência, para descortinar as transformações sociais de que precisamos para construir uma cultura de paz ou “culturas de paz”, como definem alguns autores.

Sem o recurso do Museu, sem a possibilidade oferecida pela linguagem da arte, da estética, não teríamos outras palavras além das que têm sido ditas na história ou na política e que, até agora, foram pouco transformadoras. Talvez porque essas linguagens não tenham a capacidade de converter o ato cotidiano e brutal em uma expressão universal, que fala para todos, que desativa sua carga mortífera, para poder enfrentá-lo e nos unir como humanidade na dor mas, também, na esperança de que, afinal, a vida siga.